

**Dossiê “Processos sociopolíticos e desenvolvimento econômico no Brasil”**

**Bordado Boa-Noite da Ilha do Ferro:  
patrimônio cultural, geração de renda e  
desenvolvimento regional**

**Good night embroidery from Iron Island:  
cultural heritage, income generation and  
regional development**

**Rachel Barros<sup>1</sup>**

**Resumo:** Este artigo apresenta e discute dados de pesquisa realizada junto a uma comunidade de artesãs produtora do bordado Boa-Noite, situada na Ilha do Ferro, município de Pão-de-Açúcar-AL trazendo como reflexão alguns dos efeitos da implantação de projetos com vistas ao seu *upgrading* produtivo. Através de ações junto à Associação de Artesãos da Ilha do Ferro, Art-Ilha, visando o pedido de registro de Indicação Geográfica do bordado Boa-Noite da Ilha do Ferro junto ao Instituto Nacional de Propriedade Industrial -INPI , observou-se que as intervenções decorrentes de ações nacionais e locais em prol do desenvolvimento econômico da comunidade revelam que condicionantes sociopolíticos e culturais das bordadeiras entram em choque com as expectativas que regulam a inserção da comunidade no mercado competitivo. Por outro lado, o

---

<sup>1</sup> Doutora em Antropologia pela École des Hautes Études en Sciences Sociales - EHESS, Paris, FR, é professora Adjunta do Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Desenvolve pesquisas nas áreas do patrimônio imaterial e da cultura afrobrasileira. rachel.rocha@ics.ufal.br

## **Bordado Boa-Noite da Ilha do Ferro: patrimônio cultural, geração de renda e desenvolvimento regional**

movimento da cultura tornada patrimônio estabelece igualmente limites às ações de intervenção, produzindo discussões sobre a originalidade dos produtos e as expectativas de um consumo norteado por releituras estéticas do bem tradicional. Essas constatações demandam uma intervenção reflexiva por parte de órgãos envolvidos em ações naquela comunidade, produzem novos argumentos sobre os limites das ações envolvendo bens culturais, território e desenvolvimento local, e sugere direções alternativas para essas práticas.

**Palavras chave:** Patrimônio cultural; Artesanato alagoano; Bordado Boa-Noite da Ilha do Ferro; Desenvolvimento Local; Indicação Geográfica.

**Abstract:** this article introduces and discusses data from research conducted by a community of artisans producing good night embroidery, Ilha do Ferro, municipality of Pão-de-Açúcar-AL bringing as reflection some of the effects of the implementation of projects aimed at upgrading your productive. Through actions by the Association of artisans of Ilha do Ferro, Art-Ilha, with the application for registration of a geographical indication of good night embroidery Ilha do Ferro by the National Institute of Industrial property - INPI, noted that the interventions arising from actions local and national economic development of the community reveal the existence of socio-political and cultural constraints of Embroiderers in shock with the expectations governing the insertion of the community in the competitive market. On the other hand, the culture also lays down limits to heritage developed actions, producing discussions about the originality of products and consumption expectations guided by aesthetic readings of traditional goods. These findings demand reflective intervention on the part of organs involved in that Community actions, produce new arguments about the limits of actions involving cultural property, territory and local

development, and suggests directions for these alternatives practices.

**Keywords:** cultural Heritage; Alagoano crafts; Good night embroidery Ilha do Ferro; Local Development; Geographical Indication.

### Introdução

Os efeitos do movimento que partindo do reconhecimento cultural de bens materiais e imateriais brasileiros desembocaram na elevação da cultura como patrimônio no Brasil, ainda emite seus sinais, como um farol de orientação aos navegantes, às políticas públicas culturais e patrimoniais (GONÇALVES, 2015). Por outro lado, os conhecimentos tradicionais se enquadram no grupo Proteção *Sui Generis* da Propriedade Intelectual<sup>2</sup> e participam ativamente das preocupações nacionais e locais das políticas públicas de proteção ao patrimônio intangível bem como de geração de emprego e renda com sustentabilidade, envolvendo em grande parte, pequenas comunidades produtoras.

Essa lente ampliada em direção à diversidade cultural, que norteou os últimos vinte anos de políticas públicas para o setor no país, resultou em sucessivas experiências de intervenções, aperfeiçoadas posteriormente técnica e politicamente através de editais que, por sua vez, se materializaram em projetos viabilizados por recursos públicos federais, estaduais e municipais e que, no micro da experiência vivenciada pelas comunidades receptoras, realizou ações, produziu intervenções, impactou costumes e criou resultados como os que pretendemos apresentar a partir do relato e da

---

<sup>2</sup> Ver Guia Docente IEL, SENAI, INPI - Inovação e Propriedade Intelectual, p. 20.

## **Bordado Boa-Noite da Ilha do Ferro: patrimônio cultural, geração de renda e desenvolvimento regional**

reflexão sobre a experiência de uma pesquisa realizada em três momentos numa comunidade de bordadeiras do Boa-Noite e habitante de um povoado situado às margens do Rio São Francisco, no sertão de Alagoas: a Ilha do Ferro, onde, em que pese as intervenções como as referidas anteriormente, a instância organizativa da produção, a Associação Art-Ilha, enfrenta ainda problemas relativos à sua inserção com sucesso no mercado de consumo do bordado, bem como referente à baixa frequência de mulheres na atividade produtiva formal.

### **A pesquisa**

Residindo por três meses ininterruptos inicialmente (março a maio de 2016) e depois frequentando de maneira esporádica a comunidade por mais um ano (entre agosto de 2016 a agosto de 2017), pude realizar a investigação com diferentes níveis de inserção. Os três primeiros meses foram dedicados à convivência com o núcleo artesão da Cooperativa Art-Ilha, onde as mulheres trabalham de terça a sábado, das 13 às 17h, bordando peças variadas do bordado Boa-Noite. A motivação naquele momento era conhecer a comunidade produtiva organizada - então reduzida a 18 mulheres, embora entre a população feminina da Ilha do Ferro, quase 90% delas (87,7% mais exatamente) executem o Boa-Noite; o produto - as formas como é confeccionado, que materiais são utilizados, onde obtêm a matéria-prima, como aprendem o ofício<sup>3</sup>, as versões relatadas sobre a origem do bordado, dentre outras.

---

<sup>3</sup> Os dados apresentados no presente artigo se referem a resultados de três intervenções: Cooperação Técnica entre Ufal/UnB, no período de março a maio de 2017, pesquisa realizada através do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação - Edital PIBITI (2016-2017), realizada de agosto de 2016 a julho de 2017 e pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas - FAPEAL, através do Edital 13/17, com ações

Naquele período pude conhecer o cotidiano de trabalho das bordadeiras, sua forma de organização em torno de uma Associação (a Art-Ilha), que as artesãs chamam de cooperativa, e que depois, por sugestão do contador da Art-Ilha, se transformou em Micro Empresa – ME; sua rotina produtiva, a distribuição das tarefas, as responsáveis formais pela Art-Ilha, o sistema de remuneração de trabalho, o perfil dos clientes. Pude igualmente conhecer, através de relatos das próprias bordadeiras, a história sobre o bordado Boa-Noite, sobre a criação da Art-Ilha, as experiências de intervenções a que chamam de *projetos* e suas opiniões sobre eles.

A aproximação com esse grupo de mulheres foi facilitado (e em alguns casos também dificultado) pelo fato de eu já frequentar o local há mais de vinte anos e de certa forma também por eu ter ali chegado pela primeira vez em companhia de alguém que a comunidade gosta, valoriza e identifica como um amigo da Ilha do Ferro. Através desse estreitamento de laços, pude conhecer a opinião do grupo acerca de cada um dos projetos realizados na Art-Ilha, e de que forma se dá a valorização ou a desvalorização desses, avaliação que põe em relevo os critérios de valor operados pelo grupo.

Paralelo ao acompanhamento diário junto ao grupo de mulheres da Art-Ilha, eu vivia também um cotidiano de moradora da Ilha do Ferro, integrada, portanto, à rotina de trabalho das artesãs, mas também às sociabilidades dos habitantes, tal como ir à feira pública de Pão-de-Açúcar às segundas-feiras, para me abastecer, ou frequentar as festas do povoado e confraternizar com os moradores do lugar. Minhas

---

iniciadas em maio de 2017 e ainda em curso. Agradeço ao CNPq pela viabilização de bolsa de Iniciação Tecnológica à estudante Agatha Cavalcante, do curso de Bacharelado em Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas – Ufal que participou ativamente desta pesquisa e à Fapeal pelo recurso financeiro aportado ao projeto ainda em desenvolvimento.

## **Bordado Boa-Noite da Ilha do Ferro: patrimônio cultural, geração de renda e desenvolvimento regional**

duas vizinhas eram bordadeiras não associadas à Art-Ilha, e através delas eu também acessava informações e impressões sobre o bordado e a atividade da forma como a praticavam.

A partir de minha inserção na Art-Ilha percebi que necessitava também compreender, de maneira mais ampliada, as razões desse não interesse das mulheres da Ilha do Ferro em participar da “cooperativa”, pois já havia reunido há alguns anos um grupo superior a 40 artesãs em seu quadro, hoje reduzido a menos da metade. Sentia falta também de dados mais generalizados sobre o povoado, não só no que se refere ao perfil populacional propriamente dito, mas informações referentes ao patrimônio imaterial que a convivência diária com aquelas pessoas me indicava ser rico, variado e, em alguns casos, ameaçado de desaparecimento ou mesmo recentemente desaparecido.

O segundo momento da pesquisa, portanto, ampliou horizontalmente o universo de investigação. Essa etapa envolveu o período de agosto de 2016 a julho de 2017. Nesse caso, a pesquisa consistiu na aplicação de formulários domiciliares com os moradores da Ilha do Ferro, a partir das mulheres residentes em cada domicílio, buscando informações gerais para a composição de um perfil populacional, mas também sobre suas motivações com o ofício de bordadeira e igualmente dados sobre o bordado e sobre outros ofícios e outras formas de manifestação cultural existentes na localidade. Nesse caso, no que tange às preocupações com o levantamento do patrimônio imaterial da região, foram seguidas as diretrizes do DPI/IPHAN para o levantamento. Casos mais específicos e significativos para a pesquisa geraram registros mais demorados, na forma de uma investigação de caráter qualitativo, com a obtenção de registros audiovisuais e, em outros casos, apenas de áudio.

O terceiro, e ainda em curso momento da pesquisa, envolve a construção do pedido de registro do bordado Boa-

Noite da Ilha do Ferro no Livro dos Saberes do Estado de Alagoas, onde são inscritos ofícios e modos de fazer presentes no cotidiano das comunidades tradicionais. O pedido será encaminhado pela Art-Ilha junto ao Conselho Estadual de Cultura do Estado e visa a patrimonialização estadual do bordado. Durante a pesquisa, essa ação se colocou como estratégica para a construção do pedido de registro de Indicação Geográfica do bordado Boa Noite junto ao INPI e, se aprovada, fortalecerá o pedido junto a esse órgão.

### O lugar

A Ilha do Ferro não é uma ilha. Seu acesso se faz pelo rio ou pela estrada. Está localizada na margem esquerda do Rio São Francisco e é um povoado da mesorregião sertão alagoano pertencente ao município de Pão-de-Açúcar. Possui, em 2017, uma população de cerca de 400 habitantes<sup>4</sup>, e um IDH-M de 0,593 segundo dados do *Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil 2013*, que reuniu informações divulgadas pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD, pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA e pela Fundação João Pinheiro - FJP, com dados extraídos dos Censos Demográficos de 1991, 2000 e 2010. O IDH-M de Pão-de-Açúcar está cotado como baixo na escala das faixas de desenvolvimento humana proposta pelo PNUD.

---

<sup>4</sup> Números levantados a partir de pesquisa domiciliar realizada no povoado, no período de agosto de 2016 a julho de 2017.

## Bordado Boa-Noite da Ilha do Ferro: patrimônio cultural, geração de renda e desenvolvimento regional

Imagem 1



Localização do município de Pão-de-Açúcar no mapa de Alagoas.

Disponível em:

[https://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A3o\\_de\\_A%C3%A7%C3%BAcar\\_\(Alagoas\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A3o_de_A%C3%A7%C3%BAcar_(Alagoas))

O povoado Ilha do Ferro dista da sede Pão-de-Açúcar 18 km, e já surge com esse nome em mapa do cartógrafo holandês Joan Blaeu, datado de 1665 e denominado *Primeiro Mapa da Capitania de Sergipe Del Rey*. Vale observar que nessa época, Pão-de-Açúcar ainda conservava seu nome indígena *Jaciobá*, que em Tupi significa *espelho da lua*. Tal aparição no mapa holandês aponta para a antiguidade da localidade e o topônimo português *Ilha do Ferro* destaca-se em meio a outras referências do mapa assinaladas ora em Tupi, ora em Neerlandês. A antiguidade da ocupação da região já foi evidenciada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2012) que sinalizou a presença de 65 sítios e ocorrências arqueológicas em Pão-de-Açúcar, apontando o município com o maior número de referências em todo o Estado de Alagoas, seguido pelo município de Piranhas, na mesma mesorregião, mas com apenas 30 ocorrências sinalizadas. Outras fontes também dão conta da antiguidade da ocupação da região, sendo este um dado bastante sinalizado na literatura local (BLAEU, 1665; CAVALCANTE, 2005; COSTA E CABRAL, 1902; IHGAL, 2010; IPHAN, 2008 e 2012; MENDONÇA, 2004).



A origem do nome Ilha do Ferro é contada em diferentes versões. Quando, pela primeira vez, procurei saber de onde vinha o nome, explicaram-me que era devido ao naufrágio da Moxotó, um barco de passageiros que naufragara ali em 1917 e fizera muitas mortes. O barco afundou, a madeira estragou, e como o nível do rio baixa a cada ano pode-se ver facilmente a carcaça da Moxotó ou, como gostam de dizer ali, “os ferros”. Vindo daí o batismo. Ri intimamente daquela explicação, pois a Moxotó naufragara em 1917, mas a leitura de *Geografia Alagoana*, de Thomas Espíndola, obra de 1860, já havia me alertado que a denominação se devia à presença do mineral ferro na região. Posteriormente, quando encontrei o *Primeiro Mapa da Capitania de Sergipe Del Rey*, pus a afirmativa de Espíndola em suspeita, é que não considere factível que em meados do século XVII já se tivesse prospectado aquele território e encontrado ferro.

Além da versão “dos ferros” da Moxotó naufragada como razão para o nome da Ilha, bastante recorrente no local, pelo menos mais uma versão é contada sobre a origem do topônimo pelos próprios habitantes do local: a de que ali teria sido as terras de uma família Ferro, explicação que me parece mais plausível, embora, até o momento, eu não tenha conseguido comprovar sua veracidade. Buscando insistir nessa direção, procurei informações no cartório de Pão-de-Açúcar, mas a documentação ali disponível remonta, ao máximo, ao século XIX, não havendo nenhuma informação ou documento lançando pistas nessa direção.

Mas outra versão me parece possível e bastante plausível para que o batismo se desse assim: a abundância do pau Ferro<sup>5</sup> na região que, aliás, batizou o nome de um riacho da região e de algumas fazendas<sup>6</sup>. A árvore Pau Ferro já foi mais abundante na

---

<sup>5</sup> *Caesalpinia leiostachya*. Pau Ferro é uma alusão á dureza da madeira.

<sup>6</sup> No mapa do município de Pão-de-Açúcar encontrei, além do riacho Pau Ferro, a Fazenda Pau Ferro e a Fazenda Pau Ferro da Cachoeira.

## **Bordado Boa-Noite da Ilha do Ferro: patrimônio cultural, geração de renda e desenvolvimento regional**

região. Participando do I Simpósio da Bacia Hidrográfica do São Francisco, na cidade de Petrolina-PE, em 2016, assisti a uma interessante palestra que apresentou o resultado de uma intervenção, do lado sergipano, de replantio de mudas nativas numa área degradada. Relatava o expositor que em meio ao experimento houve um período de muita chuva e a área plantada inundou. O imprevisto do alagamento transformou a experiência num outro laboratório e quando as águas baixaram, constataram que a espécie que resistiu à inundação havia sido o Pau Ferro. Ora, sabe-se que o ciclo das chuvas ocasionava, em décadas passadas, alagaç es em grandes áreas nas margens do Rio São Francisco e, certamente, a árvore que resistia a essa sazonalidade das águas, o Pau Ferro, abundava na região.

Imagem 2



Extrato do mapa de Joan Blaeu. Observe-se, do lado direito, o top nimo Ilha do Ferro.

Marcada por temperatura e vegeta o t picas do Sertão, mas com o privilégio de estar numa das margens do Rio São Francisco, a localidade sobrevive da pesca, atividade cada dia mais comprometida pelas constantes intervenções no Rio São

Francisco (Hidrelétrica de Xingó, Canal do Sertão e a proximidade do projeto de transposição), da pouca agricultura de subsistência, da criação de algum gado bovino e caprino e do artesanato. Com relação a esse último, destaca-se o trabalho em madeira, composto por esculturas inspiradas na fauna e na flora locais, a criação de figuras imaginárias, a construção de mobiliário e de algumas peças utilitárias de um lado, e, por outro, o bordado Boa-Noite, objeto da nossa reflexão.

### **Uma Ilha com muitos patrimônios**

Durante o levantamento que efetuamos sobre o patrimônio imaterial da Ilha do Ferro nos foram reveladas muitas atividades e práticas culturais já desaparecidas. Ofícios tais como a olaria, ou a prática da rizicultura, presente no cotidiano daquelas pessoas há 50 anos, não existem mais. Parte desse desaparecimento deve-se às sucessivas intervenções no Rio São Francisco que interferindo no regime das águas não permite mais os ciclos de cheias que garantiam o plantio do arroz e o depósito de boa argila com a qual se fabricava telhas e tijolos. O desaparecimento de uma atividade ou mesmo seu comprometimento provoca, muitas vezes, o desaparecimento de outras que lhes são associadas. É o caso da rizicultura na Ilha do Ferro, que desaparecendo provocou o também desaparecimento das cantigas dos batalhões que acompanhavam a atividade do plantio e da colheita do arroz.

No período anterior às primeiras intervenções no Rio São Francisco, que começaram por volta dos anos 1950, o rio subia em períodos determinados e transbordava, criando grandes áreas alagadas. Nessas áreas plantava-se o arroz. A partir de um levantamento de fontes sobre o patrimônio cultural imaterial de

## **Bordado Boa-Noite da Ilha do Ferro: patrimônio cultural, geração de renda e desenvolvimento regional**

Alagoas realizado para o IPHAN<sup>7</sup> pudemos encontrar relatos de como se dava a atividade:

“No mês de janeiro, as populações que habitam as margens do rio São Francisco iniciam a semeadura do arroz. Desse mês até setembro, época da colheita, o trabalho nas lavouras de arroz é intenso. Os plantadores, proprietários ou rendeiros de grandes lotes de terras convidam parentes, vizinhos e amigos para trabalharem em suas roças ou darem uma ajuda, de vez em quando. A esse ajuntamento de pessoas denomina-se comumente 'mutirão', mais propriamente 'batalhão de arroz' ou simplesmente 'batalhão'. Durante a faina diária, cantam os conhecidos aboios de roça; para o final da semana ou o final do trabalho existem os cantos e danças de roda de adultos, onde todos são convocados para se divertir” (cf. Rocha, 1984).

Essa atividade, também registrada por Brito (2000) está longe de ser a única a sofrer com as intervenções no rio. No momento da realização da pesquisa, pude entrevistar um pescador que trabalhava em sua rede de pesca, estendida na praça pública do povoado. Indagado sobre o que estava fazendo, explicou que estava cortando a rede ao meio “porque o rio está tão baixo que não dá mais pra gente usar a rede no tamanho que costumávamos usar. Por isso estou cortando na metade, pra ficar mais fácil de manejar”<sup>8</sup>.

---

<sup>7</sup> Trata-se do *Mapeamento do Patrimônio Cultural Imaterial de Alagoas - Relatório Final*, 2008.

<sup>8</sup> Entrevista realizada no dia 17 de maio de 2016.

O mesmo se observa com relação à fabricação de telhas e tijolos que já conheceu seu tempo áureo na Ilha do Ferro. Em entrevista realizada com Z., conseguimos o seguinte depoimento:

“O movimento do povo mais velho era fazer tijolo e telha. Se achasse a quem vender, vendia, se não achasse aí vinha gente de Propriá, vinha de Penedo comprar, e se não vendesse ficava aí parado, queimava, fazia um forno, de fogo de lenha, botava, enchia deles, queimava, acabar tirava, guardava, quando aparecia um comprador, vendia [...] prá trás, não tinha isso de trabalho de madeira aqui na Ilha do Ferro não [...]”  
(depoimento de Z.)<sup>9</sup>

Da mesma forma, os tijolos da casa onde moram Z. e a mãe, dona D., foram confeccionados por dona D. e o marido, já falecido.

“[pra fazer os tijolos, tinha] uma grade, com a quantidade de três tijolos, aqui duas perninhas, aí a pessoa pegava, botava a grade lá, pegava aquele bolo de barro tapava os três, acabar alisava, pra ficar lisinho, reto, melava as mãos de areia, acabar batia no tijolo, batia... eu não fiz não, mas eu vi elas fazerem, aí quando acabava, pegava a grade, fazia um movimento pra frente e pra trás, aí sacolejava, quando sacolejava eles soltavam da forma[...]”  
(depoimento de Z.)<sup>10</sup>

---

<sup>9</sup> Entrevista concedida no dia 16 de novembro de 2016.

<sup>10</sup> Idem.

## **Bordado Boa-Noite da Ilha do Ferro: patrimônio cultural, geração de renda e desenvolvimento regional**

A lista do patrimônio imaterial é longa e inclui, além de ofícios tradicionais tais como a pesca e a construções de embarcações e de armadilhas associadas ao ofício, a olaria, a fabricação de tamancos, além de número significativo de formas de expressão tais como o Presépio e o Drama, além de celebrações religiosas e carnavalescas, mas não iremos tratar dessas referências nos limites deste artigo,

### **O artesanato**

O artesanato da Ilha do Ferro vem se tornando um elemento importante na dinâmica econômica da localidade e representa alternativa produtiva para muitas famílias residentes no povoado e adjacências. Nesse sentido participa da realidade nacional que aponta o artesanato presente como atividade econômica em 78,6% dos municípios brasileiros, envolvendo cerca de 8,5 milhões de pessoas e movimentando um mercado de 50 bilhões de reais por ano, segundo dados da Pesquisa de Informações Básicas Municipais (2014), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O trabalho com a madeira é bem mais recente que o ofício do bordado, e data mais ou menos do final dos anos 1970 para o início dos anos 1980. Durante o período de realização da primeira e da segunda etapas da pesquisa, registramos facilmente a existência de 29 artesãos da madeira estabelecidos na localidade e redondezas, todos do sexo masculino, e esse número só tende a aumentar<sup>11</sup>. Pude observar que nos últimos dez anos o número artesãos da madeira pelo menos triplicou ali.

---

<sup>11</sup> Após essa contagem inicial tivemos a oportunidade, numa ida posterior à Ilha do Ferro, de identificar mais duas pessoas se integrando à atividade artesanal com a madeira, desta feita um homem e uma mulher, embora o artesanato não se coloque, para nenhum desses dois, enquanto atividade principal. Esses surgimentos de novos interessados na atividade é uma constante no povoado e nas redondezas.

No caso do bordado Boa-Noite, a produção conheceu momentos de picos e momentos de retração em sua produção e comercialização, mas a notoriedade do bordado se evidencia, dentre outras, pelo grande número de aparições na mídia eletrônica, noticiando sua participação em feiras, registrado em imagens, documentários, textos, informações as mais variadas.

Quanto ao bordado Boa-Noite, a história que se conta sobre sua origem é que ele foi introduzido na Ilha do Ferro nos idos dos anos 1940, através de dona Ernestrina, que, segundo outros afirmam, o teria trazido de Sergipe. Dados coletados a partir de entrevistas realizadas com as mulheres mais antigas do povoado evidenciam uma maior antiguidade desse ofício, como teremos a oportunidade de constatar mais adiante.

Mas para além de dinamizar a economia na Ilha do Ferro, o artesanato possibilita também o estabelecimento de novas sociabilidades, pois proporciona a alguns inserir-se numa outra esfera que em termos objetivos se traduz na participação em feiras, em exposições, na realização de viagens e no estabelecimento de novos contatos com pessoas detentoras de *capital cultural* (Bourdieu, 1987), galeristas, colecionadores, artistas, críticos de arte, comerciantes, dentre outros.

Transitar nessa nova esfera significa também, num nível mais local, mobilizar os efeitos utilitários desse *capital cultural*, tornado vantajoso pelo acesso a essa esfera. Além disso, pelo próprio caráter de mobilidade que o capital cultural encerra o processo também deslança o elemento da *distinção* (Bourdieu, 1979) e o acesso a essa esfera se converte em disputas e na criação de desafetos entre pares, como tive a oportunidade de presenciar mais de uma vez<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup> Não pude deixar de observar e registrar a motivação dessas disputas. De início, elas me pareceram tão somente a tentativa de resguardar espaços simbólicos conquistados, tais como ser um representante da comunidade numa feira na capital, Maceió, ou numa outra cidade

## **Bordado Boa-Noite da Ilha do Ferro: patrimônio cultural, geração de renda e desenvolvimento regional**

A produção de arte popular na Ilha do Ferro mobiliza um público em torno do qual se passa a pensar que é vantajoso gravitar. Estar nesse meio, ser artesão, é gozar de prestígio, vender mais e eventualmente viajar para participar de uma exposição em algum grande centro do país. A grande visibilidade que o povoado vem sofrendo por conta da entrada de seus produtos no circuito de arte popular alcançou seu ponto alto com a realização da recente novela da Tv Globo, *Velho Chico*, onde objetos confeccionados por artesãos da Ilha do Ferro integravam as imagens exibidas na galeria da novela.

Igualmente o bordado Boa-Noite goza de notoriedade. As exposições nacionais das quais o Bordado Boa-Noite participou são um exemplo dessa inserção<sup>13</sup>. Para que se tenha uma ideia do alcance da divulgação do bordado Boa-Noite da Ilha do Ferro, as lembrancinhas de casamento da hipista Athina Onassis, neta do magnata e armador grego Aristóteles Onassis, foram confeccionadas em Boa-Noite pelas bordadeiras da Art-Ilha, como pode ser visto na imagem a seguir.

---

brasileira, mas, detendo-me mais demoradamente sobre o fato pude constatar que se trata também de vantagem financeira, uma vez que um representante que durante uma feira venda uma peça de outro artesão recebe um percentual sobre o valor da peça vendida.

<sup>13</sup> A presença do bordado Boa-Noite da Ilha do Ferro em exposições como a da Sala do Artista Popular do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular – CNFCP, no Rio de Janeiro, intitulada: “Boa noite: bordado da Ilha do Ferro”, com abertura em 15 de abril e visitação até 23 de maio de 2010, com informações disponíveis em: <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/2808/bordados-da-ilha-do-ferro-estao-em-exposicao-no-rio-de-janeiro>, bem como a organizada pela Casa Museu do Objeto Brasileiro e Paula Ferber, intitulada: “Boa-noite, Ilha do Ferro” no período de 27 de novembro a 18 dezembro de 2013 também são responsáveis por essa visibilidade. Imagens desta última exposição encontram-se disponíveis em <http://www.acasa.org.br/evento.php?id=140>



Imagem 3



Sachê de Boa Noite usado para guardar a joia ofertada aos convidados no casamento de Athina Onassis, em 2005<sup>14</sup>.  
Fonte: acervo do LACC/ICS/UFAL.

Portanto, seja através do trabalho da madeira, seja através do ofício feminino do bordado, o artesanato produzido na Ilha do Ferro proporcionou notoriedade ao povoado que através de sua produção tornou-se lugar visitado por turistas e comerciantes de vários lugares, atraídos pela singularidade do que é ali produzido.

### Uma ilha nada insular

---

<sup>14</sup> Imagem disponível em: [https://www.google.com.br/search?q=casamento+de+Athina+Onassis+e+lembrancinhas+aos+convidados&biw=1366&bih=667&tbm=isch&tb\\_o=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwivjPOxvtvJAhXFG5AKHXd8DCMQ7AkIKA](https://www.google.com.br/search?q=casamento+de+Athina+Onassis+e+lembrancinhas+aos+convidados&biw=1366&bih=667&tbm=isch&tb_o=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwivjPOxvtvJAhXFG5AKHXd8DCMQ7AkIKA).

## **Bordado Boa-Noite da Ilha do Ferro: patrimônio cultural, geração de renda e desenvolvimento regional**

Durante os meses da pesquisa pudemos constatar que a Ilha do Ferro não é local exclusivo da produção do bordado. O território do Boa-Noite, onde situam-se as artesãs que sabem fazer o bordado, compreende uma área que engloba outras localidades e sobre as quais falaremos mais adiante. Entretanto, a Ilha do Ferro, para além de lugar de produção, e de maior representatividade no que se refere à concentração de bordadeiras, é também um importante lugar de comercialização e de visibilidade do produto. No território de produção do bordado, a Ilha do Ferro é seu coração criativo, e de lá sempre saíram e ainda saem as novidades do bordado, da *costura*, como costumam dizer.

“As novidades vêm da Ilha do Ferro. Minha prima Simone trouxe umas costuras diferentes e aprendi a fazer. Olhando, se aprende. A almofada, vi uma costura de Rosa e fiz igual. Vejo as mulheres costurando nas lanchas e quando chega em casa, reproduzo” (trecho do depoimento de dona M.)<sup>15</sup>

Essa dianteira da Ilha do Ferro na produção do bordado, mas não só, também no agenciamento do produto, faz do povoado um lugar privilegiado para se pensar, além do artesanato tradicional, também sua vocação comercial. O papel desempenhado atualmente por alguns indivíduos (artesãos) na comunidade e que se converte, muitas vezes, em objeto de disputa por parte de outros, tem história antiga na Ilha do Ferro.

Durante o levantamento das histórias sobre a origem do bordado Boa-Noite conseguimos identificar que a Ilha do Ferro, para além de polo produtor, sempre funcionou também como esse importante polo distribuidor. Sobre isso, os nomes daqueles que ao longo dos últimos 70 anos se dedicaram à tarefa de intermediar a confecção e a comercialização do bordado são

---

<sup>15</sup> Entrevista concedida em 01 de abril de 2016.

recorrentemente lembrados: dona Enestrina, cabo Ernesto, dona Regina, dona Nivalda, dentre outros. Através dos depoimentos de entrevistados observamos que a atividade, em alguns casos, passa naturalmente de mãe pra filha ou transita entre parentes:

“[...] Antes da cooperativa, minha tia Regina, vendia em Propriá. Era a irmã da minha avó, tia de minha mãe. Mas faleceu, e minha mãe [Nivalda] ficou no lugar. Fazia [o bordado Boa-Noite] em cambraia de algodão, vendia em Maceió também. Ela primeiro foi oferecer, e depois que pegava a freguesia, recebia as encomendas [...]. Fez essa atividade até morrer, em 1992. Morreu atropelada, enquanto trabalhava [...] Ela chegou a ir para feiras em São Paulo. Quando ela faleceu, eu fiquei no ramo dela, vendendo. Quando foi em 1998, surgiu a Cooperativa, mas eu já vendia antes. Usava o mesmo sistema”. (trecho de entrevista concedida pela artesã R. R., 50 anos)<sup>16</sup>.

A característica de entreposto de comercialização observada na Ilha do Ferro se deve, em boa parte, à localização do povoado que, como já dito, fica na margem esquerda do Rio São Francisco. Nos anos 40 do século XX, o trânsito de embarcações de médio porte no São Francisco ainda era frequente. Por aqueles caminhos hídricos passavam pessoas e mercadorias e já era intenso o contato entre as margens alagoana

---

<sup>16</sup> Entrevista concedida em 16 de março de 2016. Na mesma entrevista, esta artesã me relatou algumas feiras das quais participou: “ArtNor, em Maceió; Feira dos Municípios, em Maceió; Feira em Minas Gerais; Feira em Brasília; Top 100, Rodada de Negócios em São Paulo; Exposição no Rio de Janeiro; Exposição em Recife; Exposição em Natal; Exposição no Museu Casa, em São Paulo; Feira na Argentina, dentre outras”.

## **Bordado Boa-Noite da Ilha do Ferro: patrimônio cultural, geração de renda e desenvolvimento regional**

e sergipana. Mas o comércio era feito também com a capital Maceió, e por meio da pesquisa ficamos sabendo que esses já citados intermediários adquiriam materiais (tecido e às vezes também linhas) para que as mulheres da Ilha do Ferro - e de outras localidades (a exemplo da Mata da Onça, da Pedra Vermelha) - confeccionassem lenços bordados que depois eram vendidos em Propriá, Aracaju ou Maceió e a mão-de-obra era então remunerada.

Conversando com uma bordadeira idosa do povoado Mata da Onça, dona C., sobre esse período, ela recordou nostálgica essa evidência do lugar para onde a produção do Boa-Noite escoava antes de ser comercializada: “vendi muito Boa-Noite pra Ilha do Ferro minha filha...”<sup>17</sup>.

Oura entrevistada, dona D. também nos relatou sobre a prática:

“No tempo em que a finada Nivalda era viva, ela comprava à gente. Aí ela mandava a gente fazer, no pano dela, né? Carmo ali, também comprava, mas nunca mais Carmo fez, nem nunca mais ela mandou ninguém fazer nem comprou, que ela anda adoentada das pernas, diz que vive pegada fazendo labirinto... acho que é labirinto.... Hoje eu vendo [o bordado] à M. de A. M., ela me disse: quando você fizer, eu fico. E ela compra e vende em Aracaju. Faço Boa-Noite pra descansar, porque não durmo...” (depoimento de dona D.)<sup>18</sup>.

Essa comercialização nos moldes de um agenciamento de produtos que viabilizam o bordado (tecidos, linhas) continua acontecendo na Ilha do Ferro. Dona D. compra os tecidos em

---

<sup>17</sup> Entrevista concedida em 24 de maio de 2016.

<sup>18</sup> Entrevista concedida em 16.11.2016.

Aracaju. Quem compra pra ela é a filha, Z., com quem ela mora. Segundo Z., em Aracaju o tecido é mais barato do que em Pão-de-Açúcar; mostrou-nos um tecido, mas não soube dizer o nome, embora insistisse dizendo que *conhecia*. Z. explicou também que a mesma pessoa que compra os bordados de Boa-Noite confeccionados por dona D., também compra tecidos em Aracaju e revende na Ilha do Ferro.

Mas a vocação comercial vai além das matérias primas do bordado. Em entrevista com a artesã cooperada R.R., fiquei sabendo que ela viaja periodicamente a Juazeiro do Norte, por ocasião da romaria a Padre Cícero, de quem é devota, e que lá compra muitos produtos para revende na Ilha do Ferro. Alguns vizinhos e parentes já fazem suas encomendas. Artigos de cama, mesa e banho, sandálias, bolsas, roupas e vários outros produtos são comercializados no retorno à casa.

M. de A. M., citada no depoimento acima, compra o bordado Boa-Noite na Ilha do Ferro, produzido por dona D., e o revende em Aracaju. Outras mulheres também fazem esse comércio. No povoado Boqueirão, também na margem do São Francisco, próximo à Ilha do Ferro, conheci uma artesã, dona M., que em entrevista me relatou que uma prima lhe compra o bordado e o revende em Pão-de-Açúcar. Perguntei quanto ela lucrava com essa operação e ela me respondeu que a prima “me dá qualquer coisa, quanto quer”. Em seu depoimento, também a atividade de revenda, num passado próximo, é lembrada:

“Antes a gente vendia pra Regina, mulher de João Matias, avó de Evânia, casada com Adevão, que mora na Ilha do Ferro. Vendia para o cabo Ernesto, que casou com uma moça a Ilha do Ferro, Zabelinha. Eles compravam e revendiam. Eu fazia lencinho, toalhinha de bandeja, pano de pão. Coisas pequenas. Depois caiu o bordado, por um bocado de anos, e voltamos a fazer, há

## **Bordado Boa-Noite da Ilha do Ferro: patrimônio cultural, geração de renda e desenvolvimento regional**

tempos já [...]” (trecho da entrevista de dona M.)<sup>19</sup>

Dona M. E., artesã cooperada relata em entrevista:

“[...] No início, apareciam uns atravessadores e compravam os lencinhos. A mãe de Rejânia mandava fazer, a gente fazia, mas a venda era pouca. Os tecidos não eram de boa qualidade. A gente usava a linha grampean, de seda. Para os lencinhos, compravam tecido na feira, mas não lembra o nome dos tecidos. Opalina, Voal, cambraia de algodão.... Era branco, no começo, mas depois veio o tecido de cor, ainda antes da cooperativa. Mas a linha era sempre branca. Vinha um senhor de porto da folha comprar [...]” (trecho de depoimento de M. E.)<sup>20</sup>.

Não posso deixar de observar que a produção e a comercialização do bordado Boa-Noite na Ilha do Ferro atualmente cria algumas dificuldades para a comercialização dos produtos confeccionados pela Art-Ilha. A concorrência se estabelece por todos os lados e os preços são competitivos, embora haja diferenças fundamentais no que se refere ao material utilizado. Num lugar com quase 90% da população feminina confeccionando o bordado, o apelo aos visitantes e turistas para que comprem alguma peça é enorme. Muitas vezes tive que me desvencilhar de ofertas insistentes, sendo abordada de todas as formas e em todos os momentos: através da cerca do quintal por minhas vizinhas, enquanto preparava a mesa para as refeições, no meio da rua, durante visitas a pessoas em suas casas...

---

<sup>19</sup> Entrevista concedida em 01 de abril de 2016.

<sup>20</sup> Entrevista concedida em 10 de março de 2016.

### Bordados e bordados da Art-Ilha

Em que pese a quase totalidade das mulheres da Ilha do Ferro saber bordar o Boa-Noite, apenas 18 encontram-se hoje associadas à Art-Ilha. Durante a pesquisa domiciliar, procuramos investigar as causas dessa baixa adesão à cooperativa. Os dados quantitativos sobre Profissão confirmaram os dados qualitativos e parte das dificuldades se mostrou oriunda de percepções distintas sobre *trabalho*, variando a partir do lugar onde a atividade é realizada.

Para a maioria das donas-de-casa da Ilha do Ferro, aquelas que não têm atividades laborais fora de seu domicílio, ainda que sejam bordadeiras, o ofício não é tratado como um “trabalho” ou como uma profissão; em alguns casos é até mesmo a antítese disso, é a “distração”, a “terapia”. O trabalho de dona de casa é a labuta diária com a casa, a cozinha, a roupa pra lavar. O bordado, embora também se elabore numa rotina de horários (geralmente quando o serviço da casa já está concluído), é feito noutro ritmo; inclusive, é feito se for possível, se houver tempo, pois é assunto pertencente ao tempo “livre”.

Essa reflexão é totalmente outra para as mulheres associadas à Art-Ilha. Para elas, o bordado é trabalho. E reúne todos os elementos para tal, pois sua execução exige cumprimento de horários, escala de tarefas, atenção a prazos, padrão de qualidade etc. Essas se percebem como “bordadeiras”, embora não deixem de ser donas-de-casa, e algumas vezes ainda exerçam outra atividade (pescadora, agricultora, professora ou outra). A artesã R.R., afirmou que trabalhar na Art-Ilha

“É mais vantajoso, porque em grupo garante as coisas de qualidade, tem conhecimento em todos os Estados, e a pessoa individual não tem contato com ninguém. Andorinha só,

## **Bordado Boa-Noite da Ilha do Ferro: patrimônio cultural, geração de renda e desenvolvimento regional**

não faz verão” (trecho do depoimento de R.R)<sup>21</sup>.

Essa reflexão estabelece problemas reais, desafiadores para a proposição de registro de Indicação Geográfica para o bordado Boa-Noite da Ilha do Ferro, embora seja esta uma questão que pode e que deve ser pensada a partir de uma possível e adequada acomodação aos padrões locais. De certa forma, as próprias artesãs cooperadas já mataram a charada e fazem uso desse recurso quando precisam: quando recebem uma encomenda maior, com prazo curto para a execução, arregimentam mão-de-obra fora da cooperativa e realizam o trabalho.

Participar da Art-Ilha estabelece outras diferenças. Quando se trata do produto utilizado para o bordado, importantes distinções são feitas entre os trabalhos executados pelas artesãs da Art-Ilha e aqueles confeccionados pelas bordadeiras não associadas. Os trabalhos de Boa-Noite da Art-Ilha são executados em linho ou em cambraia de linho. Outros tecidos podem ser usados quando trazidos pelos próprios clientes. A linha utilizada é de dois tipos: a branca, de algodão, e a linha de cor, sintética<sup>22</sup>, e a busca de um padrão de qualidade, embora não esteja escrita em nenhum documento, segue rigores que vão desde o corte até o engomar da peça.

Fora da Art-Ilha, o padrão é outro: o bordado é executado em todo tipo de tecido. E a variedade é grande: do saco de algodão a diferentes tipos de linho, cambraias, e outros, os tecidos se sucedem. O mesmo vale para as linhas que podem variar grandemente. As peças não costumam seguir padrões uniformes de tamanho e às vezes torna-se difícil comprar um

---

<sup>21</sup> Entrevista concedida em 16 de março de 2016.

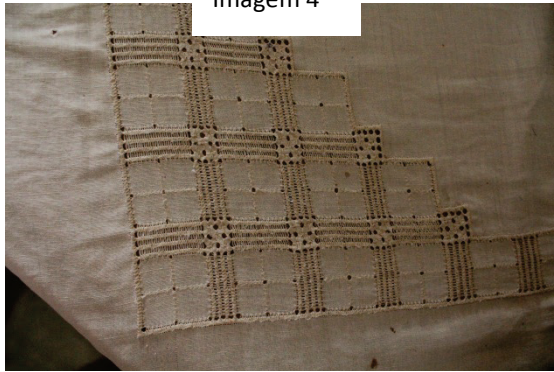
<sup>22</sup> Mais exatamente linha Esterlina branca números 10 e 20, e linha Xiq poliéster, de cor.



conjunto de guardanapos, por exemplo, em que as peças tenham as mesmas dimensões.

Por outro lado, a via da cooperativa possibilita que a cada vez que um projeto chega à Ilha do Ferro, ele chegue pela Art-Ilha, e são as artesãs associadas as que participam, então, das ações e dos benefícios diretos das intervenções, nem sempre, diga-se de passagem, bem avaliadas pelo grupo.

Imagem 4



Detalhe de toalha de mesa bordada em Boa-Noite.

Foto: a autora      Acervo: LACC/ICS/UFAL

## Projetos

Projetos, como já dito noutra parte, é a denominação geral dada pelas artesãs da Art-Ilha às iniciativas que ali aportam por iniciativa de órgãos como o Sebrae, o Programa Artesanato Solidário – Artesol. Durante entrevista com a artesã RR., tivemos a oportunidade de coletar a história dos projetos que passaram pela Art-Ilha, desde sua fundação, em :

“[...]O PRONAGER foi o primeiro, foi o que garantiu a fundação da cooperativa, depois veio a Sudene, a Prefeitura com o Comunidade Solidária, com um projeto; a Visão Mundial junto com o NUDEC; o

## **Bordado Boa-Noite da Ilha do Ferro: patrimônio cultural, geração de renda e desenvolvimento regional**

Sebrae; o Museu do Folclore (foi quem doou as 40 cadeiras de armar que estão na cooperativa), o de Renata Melão e de Renato Imbroisi; o da ACESCOP, com o Cooperativismo; o IPTI..." (trecho de depoimento de R.R.)<sup>23</sup>.

Dentre todos os projetos citados e lembrados pelas artesãs cooperadas, o projeto desenvolvido pelo designer Renato Imbroisi foi o mais comentado. Teve duração de oito meses e a ele as artesãs se reportam com saudades, pois Imbroisi criou um concurso para a criação de novos pontos do Boa-Noite e uma das artesãs, Elizângela Dias, foi a vencedora. O prêmio foi uma máquina de costura. E o ponto ficou conhecido como "quadrinhos".

"[...] Era uma toalha de mesa de 2,50 X 1,50m. Com ela ganhei o concurso que o Ambroisi foi jurado, aqui na Ilha do Ferro. Isso foi em janeiro de 2014. Essa toalha foi uma encomenda para o Museu. A mão de obra foi 820,00. Eles deram todo o material. Foram eles mesmos quem deram o preço. Ele disse que a qualidade não foi 100%, foi 1000%! [...]" (trecho do depoimento de Elizângela Dias)<sup>24</sup>.

A Art-Ilha torna-se, assim, uma instância de constante renovação do bordado, pois muitas das inovações que hoje se vê começaram com experiências desenvolvidas ali. A introdução da linha de cor, por exemplo. Essa intervenção foi realizada pela artista plástica Maria Amélia Vieira, então consultora do Sebrae-AL que ali atuou prestando uma consultoria à Art-Ilha e realizou a experiência de juntar ao bordado monocromático, as linhas de

---

<sup>23</sup> Entrevista concedida em 16 de março de 2016.

<sup>24</sup> Entrevista concedida em 8 de março de 2016.

cor. Além disso, por iniciativa das próprias artesãs, novos pontos vêm sendo constantemente criados por elas, exemplos disso são: Boa-Noite de Variação, além de outros pontos que passaram a integrar o Boa-Noite, tais como o Pé de Pinto e o Arainha, todos esses criados por Rejânia Rodrigues e que vieram se somar aos já tradicionais Boa Noite Simples, Boa Noite Cheio e ao Boa-Noite de Flor<sup>25</sup>.



Exemplo de figura bordada com o ponto quadradinho, criado por Elizângela Dias, vencedora do concurso em 2014.

Foto: a autora      Acervo: LACC/ICS/UFAL

### A comunidade produtora

Investigando a comunidade de bordadeiras do Boa-Noite da Ilha do Ferro, mas também aquelas de povoados adjacentes, pude constatar a extensão territorial da prática do ofício do bordado. Em que pese a preponderância e a concentração do Boa-Noite na Ilha do Ferro, a confecção do bordado foi registrada também nos povoados de Boqueirão, Mata da Onça, Pantaleão, Centro, Pedra Vermelha, além de nos Assentamentos Rurais

---

<sup>25</sup> A lista de nome de pontos inclui outros como o Cochadinho e o Pauzinho, para citar alguns.

## **Bordado Boa-Noite da Ilha do Ferro: patrimônio cultural, geração de renda e desenvolvimento regional**

Mata da Onça, Alemar e Riacho Grande, na própria sede do município de Pão-de-Açúcar e no povoado de Entremontes, pertencente a Piranhas – não tendo a pesquisa de campo alcançado estes dois últimos locais, embora tenha constatado ali também a presença de bordadeiras. A identificação desse perímetro, que proponho denominar território do Boa-Noite, demonstra a potencial escala de produção do bordado, com aproximadamente 150 mulheres aptas para a atividade, caso um projeto se estabeleça nessa direção.

Além do Boa-Noite, na pesquisa domiciliar na Ilha do Ferro, encontramos nesse universo de habilidades femininas a existência de outros bordados. Os três mais recorrentes são o *ponto de cruz*, ou *ponto de marca*, com 15,49% das citações - bastante popular regional e nacionalmente e base também para movimentos feitos no Boa-Noite; o *labirinto*, e seu sinônimo, o *crivo*, com 13,03%, bordado que envolve, como o Boa-Noite, o desfiar do tecido, preparando uma base, uma grade, onde será executado e, finalmente, o *rendendê*, com 10,86%. O bordado *rendendê*, que alguns defendem ser de onde se originou o Boa-Noite, e que é feito no povoado Entremontes - localidade próxima à Ilha do Ferro, pertencente ao município de Piranhas-AL - reúne ora o desfiamento do tecido, como no Boa-Noite e no Labirinto, ora apenas a aplicação do bordado, obedecendo, entretanto, à geometria dos fios contados; algumas peças conjugando as duas modalidades.

### **O bordado Boa-Noite**

Confeccionado há pelo menos um século, o bordado enfrenta, atualmente, as consequências de sua entrada num mercado globalizado e grandemente especializado, da internacionalização dos padrões de qualidade dos produtos e da imperativa necessidade de inovar não apenas o produto, mas,

sobretudo, os processos para garantir melhor qualidade e, também, proteção comercial para o que é produzido.

Estando o processo de geração de renda diretamente associado a um saber tradicional cuja propriedade intelectual essas mulheres detêm com exclusividade, e estando a região em questão vivendo um processo de êxodo de indivíduos e de famílias por força de imperativos socioeconômicos<sup>26</sup>, as bordadeiras enfrentam os riscos da perda dessa propriedade simbólica acarretada pela migração da técnica tradicional do bordado que vindo a ser realizada noutros lugares pode ocasionar, posteriormente, a reivindicação de sua autoria e tradicionalidade por parte de outros grupos que não aquela comunidade.

Ao tempo em que o êxodo populacional é uma realidade para a comunidade da Ilha do Ferro, pudemos também observar um fenômeno interessante com relação às mulheres que partem para outras localidades. Conversando com bordadeiras cujas filhas deixaram o povoado ao casarem, pude obter delas a informação de que apesar de saberem bordar o Boa-Noite, tendo todas aprendido o ofício enquanto ainda meninas morando na Ilha do Ferro, essas mulheres, ao deixarem a comunidade, não mais continuaram bordando em seus novos lugares de moradia. O abandono do bordado acontece não porque essas mulheres iniciam outra atividade laboral no novo lugar de moradia, pois o abandono do ofício é também uma realidade entre aquelas que não têm outra atividade a exercer. A situação nos sugere que o ofício do bordado parece demandar uma prática de grupo, mesmo que, eventualmente, as mulheres não trabalhem juntas.

---

<sup>26</sup> Esse êxodo de indivíduos, mais do que de famílias, embora a saída de famílias também se observe, é fato notável. Embora se observe mais no caso da população masculina, atinge também as mulheres, sobretudo quando se casam com alguém fora do povoado.

## **Bordado Boa-Noite da Ilha do Ferro: patrimônio cultural, geração de renda e desenvolvimento regional**

Mas o risco que ronda a prática do Boa-Noite não é apenas esse. Como já dito noutra parte, a visibilidade alcançada pela Ilha do Ferro e a grande frequência de pessoas que para ali acorrem já demonstraram, por mais de uma vez, que as criações oriundas daquele território têm sido alvo de apropriações que nem sempre se revertem em benefícios diretos para a população criadora. Uma das experiências, ainda que de caráter acadêmico, resultou na elaboração de estampas em tecidos inspiradas no artesanato da Ilha do Ferro e essas criações, na forma de vestimentas, de capas de celulares, dentre outros objetos, foram comercializados pela designer que os criou e nada se reverteu para os criadores daquelas imagens, artistas e artesãos da Ilha do Ferro.

São conhecidas as experiências de designers brasileiros em atuação no segmento do artesanato e a ambiguidade decorrente dessas práticas, pois se por um lado são iniciativas que propõem usos contemporâneos a produtos tradicionais, ampliando as possibilidades de mercado, por outro lado reverte em escala diminuta os ganhos para a comunidade detentora daquele saber. Na própria Ilha do Ferro, num dos projetos recentemente desenvolvido na Art-Ilha, as artesãs, decepcionadas com a experiência, relataram que desenvolveram uma série de peças para uma coleção e ficaram proibidas, por contrato, de desenvolver aqueles modelos para comercialização com outros clientes, sem que para isso soubessem, com clareza, quando iriam ganhar pelo trabalho nem sido discutidas contrapartidas para tal exclusividade.

### **Impasses atuais**

No vasto grupo dos ofícios tradicionais do Brasil, apenas oito produtos artesanais integram a lista das Indicações Geográficas Brasileiras do Instituto Nacional de Propriedade Industrial – INPI, a saber: o artesanato em Capim Dourado, da

região do Jalapão, no Tocantins; os têxteis em algodão colorido, da Paraíba; a renda de agulha em lacê, de Divina Pastora, em Sergipe; a renda renascença do Cariri paraibano, na Paraíba; as panelas de barro de Goiabeiras, no Espírito Santo; as peças de estanho de São João del Rei, em Minas Gerais; as opalas preciosas de Pedro II, no Piauí e, mais recentemente, o bordado filé da região das lagoas Mundaú e Manguaba, em Alagoas<sup>27</sup> (cf. *Indicações de Procedência Reconhecidas* pelo INPI, 2015).

O bordado Boa-Noite da Ilha do Ferro reúne muitas das condições necessárias à concessão do registro de Indicação Geográfica segundo o determinado na *Instrução Normativa* nº 25/2013, a saber: a) documentos que comprovem ter o nome geográfico se tornado conhecido como centro de extração, produção ou fabricação do produto ou de prestação de serviço; sobre esse aspecto é farta e recorrente a lista de indicações que associam o bordado Boa-Noite à Ilha do Ferro e uma rápida visita ao Google pode demonstrar esse fato. b) documento que comprove a existência de uma estrutura de controle sobre os produtores ou prestadores de serviços que tenham o direito ao uso exclusivo da Indicação de Procedência, bem como sobre o produto ou a prestação do serviço distinguido com a Indicação de Procedência; A Art-Ilha desempenha hoje esse papel de controle de qualidade dos produtos confeccionado por suas associadas, muito embora as regras do que faz a qualidade não estejam explicitadas em nenhum documento da associação e figurem apenas em anotações e c) documento que comprove estarem os produtores ou prestadores de serviços estabelecidos na área geográfica demarcada e exercendo, efetivamente, as

---

<sup>27</sup> Tivemos a oportunidade de participar da pesquisa que realizou o levantamento histórico-cultural da região do complexo lagunar Mundaú-Manguaba e que subsidiou o pedido de registro de Indicação Geográfica – indicação de Procedência do bordado Filé das regiões das lagoas Mundaú-Manguaba junto ao INPI, cuja aprovação foi publicada na Revista do INPI do dia 1 de abril de 2016.

## **Bordado Boa-Noite da Ilha do Ferro: patrimônio cultural, geração de renda e desenvolvimento regional**

atividades de produção ou prestação do serviço. Esse dado também é de fácil comprovação e a própria pesquisa domiciliar que empreendemos o demonstra bem.

Da mesma forma, o bordado Boa-Noite reúne os elementos necessários ao seu registro enquanto patrimônio imaterial alagoano no Livro dos Saberes de Alagoas. Possui, para tanto, notoriedade e ressonância (GONÇALVES, 2005). Sua exclusividade já foi registrada pelo Programa Artesanato Solidário (Artesol) em publicação sobre o bordado (s/d), e o próprio Artesol, que promoveu ações junto a grupos de produtores artesanais em várias partes do país, também atuou com as bordadeiras da Ilha do Ferro. Atualmente, o bordado Boa-Noite figura em publicações especializadas (BORGES, 2005) e encontra-se em fase de elaboração uma exposição no Centro de Referência do Artesanato Brasileiro – CRAB, no Rio de Janeiro, envolvendo produtos da Ilha do Ferro e da qual o bordado Boa-Noite também fará parte<sup>28</sup>.

Entretanto, algumas dificuldades se colocam como obstáculos ao processo de constituição da Indicação Geográfica do bordado Boa-Noite da Ilha do Ferro e têm que ser enfrentadas antes de serem dados os próximos passos: a primeira delas se refere aos percalços no momento da aquisição de parte da matéria-prima por parte do grupo, particularmente do tecido, uma vez que as linhas são compradas por telefone através de um número 0800, não oferecendo maiores dificuldades. O tecido, por sua vez, sempre apontado pelas artesãs como artigo caro pra ser comprado em Alagoas, demanda que a cada nova encomenda alguém telefone para um fornecedor fora do Estado. Essa tarefa já foi feita por consultores e por outras pessoas que se dispõem a colaborar com o grupo, mas não é a forma ideal de se

---

<sup>2828</sup> Esta exposição está sendo organizada por Adélia Borges através de um Edital do SEBRAE-NA, com o apoio do SEBRAE-AL e intitula-se: Ilha do Ferro: território da criação”, com data ainda não divulgada.



resolver o problema. As artesãs enfrentam, ainda, problemas com a entrega do material porque não têm completo domínio das taxas a serem pagas para a finalização do processo e, por conta dessa dificuldade, já aguardaram peças de linho durante meses.

Outra questão observada ao longo da pesquisa refere-se à dificuldade das artesãs cooperadas em se adequar à realidade de mercado e adotar medidas que facilitarão as vendas do bordado. Refiro-me aqui, particularmente, à resistência em adotar o uso do cartão de crédito na Art-Ilha, mas não só: a pouca habilidade com a internet também termina por inviabilizar a confecção de uma página que divulgue os produtos e possa incrementar as vendas do bordado. Toda a venda efetuada pela Art-Ilha é feita através de dinheiro em espécie, ou através de cheque, o que já causou alguns problemas referentes a saldo na hora de descontar. As relações comerciais são ainda dificultadas pelas relações de amizade e, por conta das boas relações, às vezes alguma encomenda é entregue, mas o pagamento não é efetuado, gerando grande prejuízo ao grupo.

Na atual fase da pesquisa e identificados esses gargalos, seja na aquisição do tecido, seja na comercialização do produto, nos propomos a realizar reuniões que possibilitem a intervenção de instituições como o SEBRAE-AL junto à Art-Ilha, seja na realização de cursos práticos visando o uso do cartão de crédito/débito nas operações de venda, seja na colaboração para a construção de uma lista de fornecedores de matéria-prima. Além disso, a cooperativa necessita conhecer melhor as ações fiscais que envolve o negócio, bem como os encargos gerados pela aquisição dos produtos.

Por fim, o desenvolvimento regional possível de se estabelecer em vários municípios e localidades menores, como é o caso do povoado Ilha do Ferro, e de se realizar a partir do incremento da produção artesanal, demanda dos órgãos envolvidos na execução das políticas públicas atenção especial à configuração cultural desses grupos produtores, algo para ser

## **Bordado Boa-Noite da Ilha do Ferro: patrimônio cultural, geração de renda e desenvolvimento regional**

feito a partir de cuidadosa inserção na comunidade e de acompanhamento contínuo de todas as etapas da produção, sem desconsiderar a formatação dessas populações e suas dinâmicas em relação às expectativas e ferramentas oferecidas pelo mercado.

### **Bibliografia**

- ARTESANATO SOLIDÁRIO. *Bordados da Ilha do Ferro*. PROGRAMA ARTESANATO SOLIDÁRIO/SEBRAE/SUDENE/CAIXA ECONÔMICA FEDERAL e CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE E CULTURA POPULAR, s.r.l., s.r.e., s/d.
- BLAEU, Joan. *Primeiro Mapa da Capitania de Sergipe Del Rey*. Sergipe: Imprensa Oficial de Sergipe, s/d [1665].
- BORGES, Adélia. *Design + Artesanato: o caminho brasileiro*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. *A Distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Editora Zouk, 1979.
- BOURDIEU, Pierre. "What makes a social class? On the theoretical and practical existence of groups" in *Berkeley Journal*. Vol. 01. Sociology, Nº. 32, p. 1-49, 1987.
- BRITO, Eneida Viana Sá (coord.) *Mapeamento cultural dos municípios do Vale do Rio São Francisco no Estado de Alagoas*. S.r.l., s.r.e., 2000, 182p., ill.
- CAVALCANTE, José Osvaldo. *Conhecendo Alagoas*. S.r.l. Ed. Jocilan, 2005, 471p, ill.
- COSTA, Craveiro e CABRAL, Torquato. *Indicador Geral do Estado de Alagoas*. Maceió, Typographia Commercial, 1902.
- DECRETO nº 5.563/05 que regulamenta a Lei da Inovação.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. "O Mal Estar no Patrimônio: identidade, tempo e destruição" in *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 28, nº 55, pp. 211-228, janeiro-junho 2015, disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-21862015000100012>

---

“Ressonância, Materialidade e Subjetividade: as culturas como patrimônios” in Horizontes Antropológicos. Vol.11. Nº 23 Porto Alegre Jan./June 2005, disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832005000100002>

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Pesquisa de informações básicas estaduais. Pesquisa de informações básicas municipais*. Brasília, 2014.

INPI – Instituto Nacional de Propriedade Industrial. *Indicações de Procedência Reconhecidas*, 2015. disponível em: [file:///C:/Users/Rachel/Downloads/lista com as indicacoes geograficas concedidas - 10-03-2015.pdf](file:///C:/Users/Rachel/Downloads/lista%20com%20as%20indicacoes%20geograficas%20concedidas%20-%2010-03-2015.pdf)

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequena Empresa. *Indicações Geográficas brasileiras. Catálogo Nacional de Indicações Geográficas*. Brasília, 2014.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE ALAGOAS. *Viagens de José Bento da Cunha Figueiredo Jr. à Província das Alagoas em 1869*. Maceió: Grafmarques, 2010.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL/UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS/FUNDAÇÃO UNIVERSITÁRIA DE DESENVOLVIMENTO DE EXTENSÃO E PESQUISA. *Mapeamento do Patrimônio Cultural Imaterial de Alagoas – Relatório Final*. Maceió, 2008.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL/ UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. *Patrimônio Arqueológico e Paleontológico de Alagoas*. Organizado por Luana Teixeira, Henrique Pozzi e Jorge Luiz Lopes da Silva. Maceió: IPHAN, 2012.

JUNGMANN, Diana de Mello e BONETTI, Diana Esther Aquemi. *Inovação e propriedade intelectual: guia para o docente*. Brasília: SENAI, 2010, il.

*LEI da Inovação nº 10.973/04 – PICTE*

*LEI de Incentivos à Inovação Tecnológica nº 11.196/05*

*Lei estadual nº 7.285, de 30 de novembro de 2011. Institui o registro de bens culturais de natureza imaterial que constituem*

**Bordado Boa-Noite da Ilha do Ferro: patrimônio cultural,  
geração de renda e desenvolvimento regional**

patrimônio cultural alagoano e dá outras providências. Governo de Alagoas.

MENDONÇA, Aldemar de. *Pão de Açúcar - História e Efemérides*. 2ª edição, revista e ampliada por Amorim, Etevaldo Alves. Maceió-AL: Ecos, 2004.

MINISTERIO do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior/Instituto Nacional de Propriedade Industrial. *Instrução Normativa nº 25/2013*. Estabelece as condições para o Registro das Indicações Geográficas.

MINISTERIO do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior/Instituto Nacional de Propriedade Industrial. *Resolução nº 55/2013*. Dispõe sobre o depósito dos pedidos de registro de desenho industrial e dos pedidos de registro de indicação geográfica e dos procedimentos relativos à numeração destes pedidos.

ROCHA, José Maria Tenório. *Folguedos e danças de Alagoas - sistematização e classificação*. Maceió: Secretaria de Educação e Cultura de Alagoas, 1984, 239p., ill.